

Batalhão faz ronda motorizada

JOSEMAR GONÇALVES

Além das grades, cadeados e muros altos, os 686 mil estudantes da rede pública e privada de ensino contam com o apoio do Batalhão Escolar e de vigilantes que também atuam como seguranças das unidades. Ao todo são 540 integrantes da polícia especializada e 3.540 vigias noturnos e diurnos que atendem a 1.074 escolas. Levantamento do Batalhão classificou as instituições públicas em níveis de potencial de risco. Destas, a maior parte delas, ou 41%, atingiu o grau máximo de periculosidade, na categoria A.

A pesquisa foi embasada em vários fatores que definem a área de segurança escolar. Altura dos muros, nível de iluminação, distância do ponto de ônibus, faixa de pedestres, segurança dos portões, existência de vigias e porteiros, uso de uniforme e carteira de identificação do aluno, presença de bares no perímetro escolar e o número de ocorrências registradas no local serviram de subsídios para a classificação. "Instalações físicas adequadas são primordiais para reverter esse quadro de insegurança. Não adianta colocar um policial na porta da escola, se a unidade não possui muro, por exemplo", explicou o comandante do Batalhão, o tenente-coronel Nelson Garcia

■ Estratégia

Para otimizar o trabalho do Batalhão Escolar, motocicletas são utilizadas nas rondas. "O



■ POLICIAIS MILITARES UTILIZAM MOTOS NO TRABALHO FEITO EM COLÉGIOS DE CEILÂNDIA E TAGUATINGA

objetivo é aumentar a área de alcance, encurtar o tempo de resposta em caso de ocorrências e ampliar a capacidade presencial dos policiais", observou o militar. No entanto, o programa funciona apenas em Taguatinga e Ceilândia. "Mudamos esse conceito de policial estático para o móvel com rapidez de deslocamento. É uma estratégia acertada para aumentar a atuação do efetivo", completou.

O tenente-coronel também quer implantar um sistema de troca de informações entre policiais e diretores. O contato direto entre ambos trabalharia a prevenção no lugar da repressão. "Dessa forma, conseguiríamos conter determinadas circunstâncias de risco. Poderíamos identificar e intervir antes que os problemas se agravassem e evoluíssem para agressões físicas e até mesmo morte", enfatizou.

As agressões começam com ameaças dentro de sala de aula. Por falta de conhecimento, os professores não sabem como lidar com a situação que podem avançar para tragédias. "Os diretores e professores não são preparados para lidar com estas situações de violência. Por isso, queremos aproximá-los da polícia para que saibam agir antes que o problema se agrave", disse o comandante.